

# Mário de Sá-Carneiro (1916-2016)

## 1.º Centenário da Morte

*Estou só – dos outros – só de mim para sempre.<sup>1</sup>*

Pessoa chamou-lhe “um génio na arte”<sup>2</sup>. O mundo conhece-o como o poeta melancólico, o escritor angustiado e o homem solitário. Mário de Sá-Carneiro teve uma infância de privação afetiva, uma adolescência inadaptada e uma conturbada idade adulta. Ainda assim escreveu proficuamente e é considerado um dos nomes maiores do Modernismo português. Perdido dentro de si, num labirinto confuso de emoções, Mário de Sá-Carneiro suicidou-se num hotel de Paris – há muito o seu “endereço espiritual”<sup>3</sup> – com apenas 26 anos. Antes, numa carta em que a morte jaz anunciada, o malogrado poeta explica a Pessoa - amigo de longa data e por quem tem devota amizade - que já dera o que tinha a dar na vida, não valendo portanto a pena lastimar o seu destino. Cumprira-se.

**1890** Lisboa, ano do Ultimato inglês, início do reinado de D. Carlos I. É neste cenário que nasce, a 19 de maio, Mário de Sá-Carneiro, filho do engenheiro Carlos Augusto de Sá Carneiro e de Águeda Maria de Sousa Peres Murinello de Sá-Carneiro, prematuramente falecida, tem o pequeno dois anos. Um trágico acontecimento que marcará profundamente a personalidade e o percurso profissional do futuro poeta que um dia escreve: “*pobres crianças que não conhecem a mãe: a sua vida é toda uma desolação, privada de carinhos, de afagos, de bons exemplos*”<sup>4</sup>. Assim parece ter sido. Criado por uma ama e duas empregadas, Mário cresceu numa redoma de exagerado protecionismo, num ambiente em que a ausência de afeto se compensava pela satisfação material de todos os caprichos. Alheado da realidade, incapaz de socializar, assim é Mário criança. Na solidão encontra a escrita. Aos 12 anos redige poesia. No liceu descobre o gosto pelo teatro e compõe a peça *O vencido*, que retrata a tentativa de superação da perda de um filho pela fé. Em finais de 1906, entra num grupo de amadores de arte dramática, onde colabora enquanto escritor e, pontualmente, como ator.

**1908** Publica na revista *Azulejos* a poesia *Monólogo à força* e o conto *O caixão* - novas composições, a mesma obsessão temática pela morte. Em 1909, na companhia do seu melhor amigo, Tomás Cabreira Júnior - com quem

partilha a orfandade e a infância entre criados, mas também o amor pela ficção - escreve a peça *Amizade*. Dois anos depois, é tempo do segundo momento trágico-marcante na vida de Mário de Sá-Carneiro: a morte autoinfligida de Tomás com um tiro na cabeça, no intervalo das aulas, no Liceu Camões. O inesperado desfecho a que todos assistem, professores e condiscípulos, impressiona-o sobejamente. Este suicídio-espetáculo - patente num poema que Mário dedica ao amigo - parece, à época, não lhe agradar na forma, muito embora acabe, ele próprio, por teatralizar o seu fim.

**1911** Apesar de pertencer a uma família de tradição militar, Mário de Sá-Carneiro matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Cedo se desilude, confessando ao pai que os assuntos legais “*são a coisa mais horrorosamente árida com que nunca [se conseguirá] identificar*”<sup>5</sup>. Mas o seu descontentamento não se esgota nas matérias lecionadas - a própria cidade desagradava-lhe. “*Estou muito animado... Encontrei poesia nesta terra. (...) A toda a hora do dia - mas sobretudo de manhã - o movimento das ruas é enorme: os nossos irmãos - os porcos - caminham para o mercado gentilmente*”<sup>6</sup>, sustenta com ironia. Regressa a Lisboa, conhece Fernando Pessoa e, em 1912, ingressa na Universidade de Paris, curiosamente no mesmo curso que um ano antes abandonara e que nunca chegará a concluir. Nesse período publica a peça teatral *Amizade* e a compilação de contos *Princípio*.

**1913** Totalmente desinteressado pelos assuntos académicos - “*É de estremecer um Código Civil*”<sup>7</sup>, dizia - dedica-se à vida boémia de cafés e de salas de espetáculo. Mas o eclodir do primeiro conflito bélico à escala mundial, em 1914, força a sua saída de Paris e o inevitável regresso a Lisboa. Aqui apresenta a novela *A confissão de Lúcio*, lança a poesia *Dispersão* e, em parceria com Almada Negreiros e Fernando Pessoa, edita, em 1915, a revista *Orpheu*. Os dois primeiros números são exclusivamente financiados pelo pai de Mário de Sá-Carneiro, ficando o terceiro cancelado por falta de verbas. Apesar disso, a publicação - apelidada por Pessoa de “*a soma e a síntese de todos os movimentos literários modernos*”<sup>8</sup> - constitui um marco decisivo na paisagem cultural do país. O duro golpe de cancelamento do projeto editorial desespera Mário de Sá-Carneiro que, entediado pela rotina de Lisboa, retorna à capital francesa ainda com a guerra em curso. Mas Paris está naturalmente diferente, devastada e moribunda e já muito pouco o estimula. Ainda assim, nesse ano de 1915 sai o volume de novelas *Céu em fogo*, título que gera um certo escândalo e que apresenta o suicídio como única solução possível. Está próximo o fim. Numa carta de 31 de março remetida a Pessoa, com quem há muito se corresponde, o poeta escreve: “*Meu querido amigo. A menos dum milagre na próxima 2.ª feira, 3 (ou mesmo na véspera), o seu Mário de Sá-Carneiro tomará uma forte dose de estricnina e desaparecerá desde mundo. (...) Não me mato por coisa nenhuma: eu mato-me porque me coloquei pelas circunstâncias - ou melhor: fui colocado por elas, numa áurea temeridade - numa situação para a qual, a meus olhos, não há outra saída. Antes assim (...)*”<sup>9</sup>. Durante certo tempo, a correspondência sorumbática e fatalista mantém-se até que, subitamente, se interrompe a 18 de abril. No entanto, entre a derradeira epístola e a fatídica data de suicídio do poeta existe um intervalo de uma semana, nada se conhecendo acerca do referido período. É apenas na véspera da sua prematura morte que voltamos a ter notícias de Mário de Sá-Carneiro. Sabe-se, pois,

que, no fim de tarde de 25, visita o comerciante português, José Baptista d’Araújo - com quem se acamaradara - e convida-o a comparecer, no dia seguinte, “às oito em ponto”<sup>10</sup> no Hotel Nice, onde se aloja. O negociante aceita a medo, pois estranha o gesto, e à hora marcada bate à porta. Não ouvindo retorno abre e depara-se com o poeta estendido sobre a cama envergando um elegante smoking. Ainda fala. Diz-lhe que acaba de ingerir cinco frascos de arseniato de estricnina e pede-lhe para que ali se mantenha. Estarrecido, em compreensível pânico, o comerciante corre escada fora em busca de auxílio, mas quando regressa, o poeta já agoniza, acabando por falecer. Só... como sempre estivera.

O desaparecimento do escritor português não tem qualquer repercussão em Paris e, na sua terra de origem, os jornais dedicam-lhe breves notas que se esfumam em poucas horas de conversa de café. Em contraste com a indiferença generalizada, Pessoa sofre e recorda o amigo poeta, por vezes com uma saudade dilacerante. E também ele, próximo do fim, regista o que sente, em verso, para a posteridade:

*Ah, meu maior amigo, nunca mais  
Na paisagem sepulta desta vida  
Encontrarei uma alma tão querida  
As coisas que em meu ser são as reais.  
Não mais, não mais, e desde que saíste  
Desta prisão fechada que é o mundo,  
Meu coração é inerte e infecundo  
E o que eu sou é um sonho que está triste.<sup>11</sup>*

\* Com edição póstuma saem a poesia *Indícios de ouro* (1937) e a obra epistolar, em dois volumes, *Cartas a Fernando Pessoa* (1958-1959), esta última disponível na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima.

### Fontes bibliográficas:

<sup>1</sup> SILVA, Jaqueline Fernandes - *A imagem do suicídio nos versos de Mário de Sá-Carneiro* [Em linha]. São Paulo: Universidade, 2011. Dissertação de Mestrado. [Consult. 18 abr. 2016]. Disponível na Internet: <www.teses.usp.br/teses\_/.../8/.../2011\_JaquelineFernandesdaSilva\_Vorg.pdf>

<sup>2</sup> MARTINS, Guilherme d’Oliveira - Mário de Sá-Carneiro, cem anos depois. *As Artes entre as Letras*. Rio Tinto: Seletor, 2009-. N.º 168 (13 abr. 2016), p. 3

<sup>3</sup> QUEIRÓS, Luís Miguel - O suicida acidental. *Público* [Em linha]. (2015). [Consult. 19 abr. 2016]. Disponível na Internet: <https://www.publico.pt/culturaipilson/noticia/o-suicida-acidental-1717972>

<sup>4</sup> FIGUEIREDO, João Pinto - *A morte de Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Dom Quixote, 1983, p. 19

<sup>5</sup> CARRIÇO, Alexandra Matos A. - *A depressão e a reparação em Mário de Sá-Carneiro* [Em linha]. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2012. Dissertação de Mestrado. [Consult. 15 abr. 2016]. Disponível na Internet: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2254/1/11730.pdf>

<sup>6</sup> FIGUEIREDO, João Pinto - *A morte de Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Dom Quixote, 1983, p. 128

<sup>7</sup> *Idem*, p. 130

<sup>8</sup> Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [Consult. 19 abr. 2016]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/Sorphet>

<sup>9</sup> PEREZ, Luana Castro Alves - Mário de Sá-Carneiro. *Mundo Educação* [Em linha]. [Consult. 18 abr. 2016]. Disponível na Internet: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/mario-sacarneiro.htm>

<sup>10</sup> FIGUEIREDO, João Pinto - *A morte de Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Dom Quixote, 1983, p. 211-213

<sup>11</sup> *Idem*, p. 224